

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Faculdade de Educação**

**Curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura**

**A utilização do wiki na aprendizagem dos(as) alunos(as) de 2º ano do II  
Ciclo do Ensino Fundamental**

Zinara Birnfeld Mistrello

Porto Alegre, 2010

**Zinara Birnfeld Mistrello**

**A utilização do wiki na aprendizagem dos(as) alunos(as) de 2º ano do II  
Ciclo do Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de  
Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância, da  
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Neusa Chaves Batista

Tutora: Simone Gonzalez Gomes

Porto Alegre, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

**Diretor da Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade à distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho analisa o uso do software interativo WIKI como braço colaborativo do educador em sala de aula. Tem por objetivo, portanto, verificar os efeitos da aplicação dessa ferramenta tecnológica na aprendizagem dos(as) alunos(as) de 2º ano do II ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Chapéu do Sol, situada no extremo sul da cidade de Porto Alegre.

Para obtenção dos resultados foram utilizadas as construções dos alunos no período de estágio obrigatório do curso de Pedagogia à Distância (PEAD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizado na escola e na turma citada, no período de cerca de três meses. (Abril a junho de 2010).

O WIKI, por conter uma plataforma que utiliza links das páginas na produção de hipertextos, permitiu estimular as relações de grupo, sendo aplicado como recurso de escrita compartilhada e participativa. Através desse instrumento da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), que traz consigo pressupostos construtivistas, os(as) alunos(as) construíram conhecimentos, transformando-os de prévios em novos. O ambiente oportunizou aos alunos(as) uma proximidade com um meio inovador na qual, pela primeira vez, se depararam com as próprias atividades escolares publicadas na internet e ainda puderam comentar os trabalhos dos(as) colegas e ver os seus comentados.

Para tanto, há reflexões teóricas que utilizo como base para desenvolver a pesquisa que levou ao resultado deste trabalho. Aqui constam algumas ideias defendidas por autores consagrados nas questões que dizem respeito à educação. Invoco pensamentos como os de Paulo Freire e Jean Piaget, conectando-os aos modernos pesquisadores na área. Nesse diálogo entre a problemática suscitada na pesquisa e renomados pensadores, busco refletir e consolidar minha posição a respeito do que considero importante no desenvolvimento do processo de aprendizagem do(a) aluno(a) de escola pública na atual conjuntura econômico-social dos mesmos.

**Palavras chave:** Ensino – Aprendizagem – TICs - Wiki

## **SUMÁRIO**

<b>Introdução</b>	07
<b>1. O uso de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem</b>	11
<b>2. Relato da Experiência da Prática Pedagógica - O WIKI como instrumento de ensino-aprendizagem</b>	14
2.1 - Contextualizando o uso do WIKI durante o projeto de estágio na escola	16
2.2 - Desenvolvendo aprendizagens	20
2.3 - A utilização do WIKI como instrumento de ensino-aprendizagem	22
<b>3. Considerações Finais</b>	27
<b>Referências</b>	30
<b>Anexos</b>	31

## **INTRODUÇÃO**

Sou servidora pública há 18 anos e, há quatro, dou aula na Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Chapéu do Sol, na zona sul de Porto Alegre. Minha formação acadêmica é na área da saúde (Nutrição) e durante muitos anos vivi sem saber se queria ser nutricionista ou professora. Adiei por algum tempo a decisão de fazer uma outra graduação. Hoje estou aqui descrevendo um dos passos finais do curso e, em breve, serei pedagoga.

A formação que faço tem me obrigado a refletir sobre a minha condição de professora, sobre a escola e, principalmente, sobre a educação. Não há como ficar inerte diante de tantas perspectivas teórico-metodológicas que me foram incitadas pelo curso de Pedagogia a Distancia (PEAD) e, pelas quais, tenho tido a oportunidade de me debruçar e usar em minhas práticas pedagógicas.

Nas Escolas Municipais de Porto Alegre, o Ensino Fundamental tem duração de nove anos, está organizado em três ciclos e procura respeitar o ritmo, o tempo, as experiências e as características da faixa etária dos alunos e alunas, facilitando a continuidade de suas aprendizagens durante os três anos de cada ciclo. A faixa etária de cada ciclo se divide da seguinte forma:

**I ciclo - crianças de 6, 7 e 8 anos**

**II ciclo - pré-adolescentes de 9, 10 e 11 anos**

**III ciclo - adolescentes dos 12 aos 14 anos**

Trabalho 40 horas semanais nessa escola e, ao longo desse tempo, já atuei como professora do Laboratório de Aprendizagem, como volante (professor itinerante do ciclo e que complementa o trabalho do professor referência) do 1º Ciclo, como professora referência no 1º Ciclo, na biblioteca, em setores de apoio pedagógico e como diretora em um mandato transitório. Atualmente sou referência de duas turmas do 3º Ano do 2º Ciclo - B30 (B32 e B35). Essas turmas têm 30 e 18 alunos(as), respectivamente. A turma da tarde é de inclusão e por isso tem um número reduzido de alunos(as).

Para realizar o estágio obrigatório do curso precisei mudar de turma. Entrei numa turma de 2º ano do 2º ciclo, composta por 18 alunos(as), sendo 10 meninos e 8 meninas. Uma turma pequena, onde apenas um aluno foi mantido no mesmo ano-ciclo do ano anterior. Não havia alunos(as) de inclusão.

As condições físicas da escola em que trabalho são boas. As salas são amplas, bem iluminadas e comportam um número adequado de alunos por turma. Não existe excesso de alunos(as) nas salas. Os serviços de Orientação Escolar, Apoio Pedagógico e Supervisão existem e funcionam.

Os equipamentos didáticos de multimídia são adequados e em número suficiente, embora muitas vezes sejam subutilizados porque os(as) professores(as) não se sentem em condições de manuseá-los.

Como nada no meu fazer pedagógico é mecânico, os percursos são sempre diferentes, dinâmicos, o que me obrigou a estar sempre em sintonia e sincronia com os acontecimentos, agindo, construindo, desconstruindo e reconstruindo.

O estágio foi essencial para o meu trabalho, na medida em que as teorias vistas e revistas nesses quatro anos de PEAD me mostraram uma maneira nova de realizar antigas propostas. Além do que, o acesso à tecnologia e o uso consciente dessa ferramenta, legado também do curso, principalmente nas atividades coletivas, tornaram as minhas aulas mais empolgantes tanto para mim, quanto para os(as) alunos(as).

Nesse processo, procurei entender melhor a onda tecnológica que invadiu o mundo e me deparei com diversas pesquisas que analisam com afinco o uso dessas novas tecnologias nas mais variadas áreas de estudo. As estatísticas mostram que a taxa com que as pessoas estão postando fotos, atualizando status e compartilhando links tem crescido gradativamente. Esse é um reflexo da atualidade que demonstra que o consumidor online está cada vez mais aumentando o desejo de conectar, comunicar e compartilhar suas ideias, opiniões e criações. Sites pessoais, wikis, blogs e comunidades virtuais são uma realidade na vida das pessoas, até mesmo no mundo daqueles que não possuem computador em casa. O elevado crescimento do mercado das telecomunicações no mundo e, em especial, nas economias emergentes, tem influenciado o comportamento das pessoas. Do ponto de vista da segmentação do consumo, o uso da internet passou a ser um gasto obrigatório em uma grande parcela da população, alcançando inclusive faixas etárias em idade pré-laboral e disponibilizando acesso à rede mundial de computadores aos alunos(as) de escola pública.

Por toda essa constatação, busquei enxergar a educação como uma das áreas que tem sido muito transformada por essa evolução. Essa novidade mexe com a maneira como nós professores(as) temos que buscar novas ferramentas para tentar nos adaptar a essa realidade e ter a possibilidade de um retorno positivo em relação à aprendizagem do aluno(as).

Há quatro anos fui apresentada a alguns desses espaços. No curso, o wiki foi uma ferramenta essencial para o meu crescimento tecnológico e achei imprescindível utilizar esse

meio de aprendizagem para compor o meu trabalho no estágio. Como software social, o wiki é um programa que permite estimular as relações de grupo, por conter uma plataforma que utiliza links de suas páginas para produção de mídias hipertextuais. Usei-o como recurso de escrita compartilhada e participativa, que, creio, trazem em si pressupostos construtivistas porque, através dele, os alunos podem construir seus conhecimentos, transformando-os de prévio em novo conhecimento. O espaço inaugurou um novo horizonte, possibilitando aos alunos(as) um contato com um ambiente inovador na qual, pela primeira vez, se depararam com a publicação em rede das próprias atividades escolares.

Por todos os resultados observados no decorrer do estágio, e pelo crescimento cada vez maior de acessos à internet, inclusive dentro da escola, é que julguei a problemática proposta neste trabalho ser um tema de merecida relevância na área da educação. A questão ficou sendo, portanto, “De que forma a utilização do wiki como rede social, favorece a aprendizagem dos(as) alunos(as) de 2º ano do II Ciclo do Ensino Fundamental?”.

Acredito que para chegar a uma, ou a várias respostas, a questão deva ser pesquisada em bibliografias e assuntos pertinentes ao tema, tendo como foco não uma verdade absoluta, que talvez nem exista, visto que a dinâmica da tecnologia supera em velocidade e comportamento as pesquisas e as prováveis teorias e descobertas.

No caso, o propósito de compreender a problemática suscitada aqui, é o principal objetivo deste trabalho. Creio que a busca da compreensão, bem como o caminho trilhado para obter respostas à questão norteadora, por si só, possa ser um braço colaborativo nas análises e discussões sobre o tema no âmbito acadêmico. O método utilizado examina, além das observações realizadas durante o estágio, a análise dos conteúdos bibliográficos relacionados ao assunto, dentre eles obras que abordam a educação e as mídias sociais. Penso ser esse o meio mais eficaz ao alcance dos objetivos deste trabalho. Para tanto, além do procedimento empírico que possibilitou a visualização dos efeitos do uso do Wiki na prática, a aplicação de um questionário (**anexo 1**) pós-estágio, trouxe o feedback dos próprios alunos(as) para iluminar o resultado da pesquisa. Os questionamentos foram elaborados visando um maior esclarecimento não só da opinião deles a respeito do desenvolvimento da aprendizagem por meio da tecnologia, mas também o contexto no qual se encontra cada aluno(a) envolvido(a) no trabalho (vide anexo 2 e 3).

Analisando os fatores sociais e econômicos, foi possível verificar modos diversos de aprender um mesmo conhecimento, em um mesmo ambiente e através de uma mesma ferramenta tecnológica. Misturando-se a essa contextualização a bagagem familiar e o histórico escolar do aluno(a), a consequência foi a obtenção de distintos resultados no ensino

e na aprendizagem do mesmo. No entanto, as nuances de cada um deles serviu para construir as reflexões que resultaram neste trabalho, levando em conta aspectos semelhantes e/ou comuns, mas no final, a presente análise se fundamenta no todo, ou seja, na visão global das aprendizagens do grupo com o uso do Wiki em sala de aula.

Este trabalho foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresento elementos teóricos para a discussão sobre o tema. Através do pensamento de renomados autores que discorrem a respeito dos elementos essenciais ao ensino e aprendizagem, realizo um diálogo que procura refletir a situação da educação moderna. A abordagem das referências teóricas está sempre associada ao universo contemporâneo da escola pública e da turma analisada na pesquisa.

No segundo capítulo, descrevo e analiso a proposta de pesquisa deste trabalho. A partir da análise de dados chego a consideração de que o uso do Wiki na turma em questão, como ferramenta interativa, estimula e facilita uma série de questões que tornam a aprendizagem mais dinâmica. Nessa parte, há uma descrição do processo de desenvolvimento da pesquisa, que se deu no período de estágio obrigatório do curso. Após essa contextualização, é possível verificar a forma espontânea com que surgiu a questão norteadora da pesquisa e, pelos meios metodológicos utilizados, dados empíricos, diálogos teóricos com o referencial bibliográfico e aplicação de questionário, enxergar o resultado do trabalho.

No último capítulo há as considerações finais, onde retomo a problemática da pesquisa e realizo uma breve reflexão a respeito do desenvolvimento do projeto e do êxito no alcance dos objetivos, apresentando os resultados conclusivos.

## 1. O USO DE TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Há neste capítulo reflexões teóricas que utilizo como base para desenvolver a pesquisa que levou ao resultado do presente trabalho. Aqui constam algumas ideias defendidas por autores consagrados nas questões que dizem respeito à educação. Invoco pensamentos como os de Paulo Freire e Jean Piaget, conectando-os aos modernos pesquisadores na área. Nesse diálogo entre a problemática suscitada na pesquisa e renomados pensadores, busco refletir e consolidar minha posição a respeito do que considero importante no desenvolvimento do processo de aprendizagem do aluno(a) de escola pública na atual conjuntura econômico-social.

Professores(as) da rede pública têm tido contato com as inovadoras tecnologias que já haviam invadido as escolas privadas, mas que agora se expandem no ambiente escolar de todas as classes sociais, impondo novas formas de lecionar. Os desafios são inúmeros e, por isso, é necessário repensar as velhas práticas e adequá-las à nova era da cibercultura. A educação tem sofrido imensamente as transformações resultantes do desenvolvimento cultural da humanidade. A grande questão, no caso dos/das docentes, é procurar uma ou mais maneiras de aplicar essas ferramentas disponíveis no mundo contemporâneo aos seus afazeres pedagógicos e serem capazes de assumir as funções que diferentes modelos e situações de aprendizagem lhes exigem.

“Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas” (FREIRE, 1996a, p. 97-98).

A presença das chamadas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) tem sido uma constante no ambiente escolar. Embora a acepção da palavra “tecnologia” nos remeta a um conceito mecanicista, seu uso e eficácia em diversos âmbitos, como instrumento de integração e socialização de conteúdos, são indiscutíveis.

O advento das novas tecnologias se desenvolveu dentro de um processo de informatização que iniciou devagar e tornou-se cada vez mais veloz com o passar dos anos. A partir da metade do século XX, os professores tiveram, além do auxílio da televisão como um dos aparelhos educativos, a possibilidade de utilizar projetores, gravadores de som, videocassetes e outros instrumentos inovadores que produziram um grande avanço nas instituições escolares. Esses antecedentes tecnológicos tornaram as aulas mais dinâmicas, no entanto, não causaram o mesmo impacto que a rede mundial de computadores.

O dinamismo e a velocidade desse novo meio de comunicação com que nos deparamos na virada do milênio trouxe consigo uma característica essencial à formação de uma grande rede de conexão: a interatividade. Desde então, lecionar, que há muito tempo já não era mais apenas transmitir conhecimento aos alunos(as), como se os mesmos fossem um depósito onde os(as) professores(as) despejavam seus saberes, passou a ser um aprendizado mútuo.

O processo de construção do conhecimento ocorre devido à interação do sujeito com o que ele conhece. Isso significa que, se por um lado o conhecimento não está garantido pela simples transmissão de informações, por outro, não se pode, ingenuamente, partir do princípio de que a simples motivação ou disposição para aprender garantem o aprendizado. Tanto a disposição do sujeito como a forma como o conhecimento aparece para ele (exposição, videoconferência, apostila, objeto de aprendizagem) são fatores a serem considerados. Mas o problema não termina por aí. O conhecimento também não é fruto somente da justaposição do que o sujeito traz com o que é apresentado a ele. É sempre uma construção nova, uma nova interpretação que o sujeito faz a partir do que trouxe consigo, da significação (lógica e intuitiva) que o sujeito deu à realidade com a qual se defronta. E este processo é essencialmente um processo ativo (FRANCO; COSTA; FAVERO; GELATTI e LOCATELLI, 2006.)

A integração de novas tecnologias como meios didáticos, como ferramentas facilitadoras do ensino e da aprendizagem, é essencial tanto ao professor(a), quanto ao aluno(a). Mas essa introdução deve ser somente um primeiro passo. Os objetivos que norteiam a escola moderna devem ser mais amplos. Essa adesão às novas tecnologias pela educação não deve se conformar em servir apenas como instrumento didático no processo educativo. É preciso problematizar e motivar a curiosidade e a pesquisa, para descobrir a melhor maneira de aprimorar a aprendizagem, as relações comunicativas e o papel do/da professor(a) e do/da aluno(a) no desenvolvimento desses processos. Como bem disse Paulo Freire, “o exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem, são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo” (FREIRE, 2000, p. 102).

Uma das formas de trabalhar as ferramentas tecnológicas na escola deve partir do caráter interativo desses recursos. Na idéia de interação de Piaget, a compreensão do que ocorre quando o ser humano adquire conhecimentos deve ser buscada nos instrumentos de mediação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. Dessa forma, os/as estudantes podem ganhar mais confiança para criar livremente sem medo de errar e a turma se transforma em uma grande equipe que produz e troca idéias. Teremos assim um ambiente

escolar diferente do convencional, onde a fala e a projeção do pensamento discente passam a ter papel fundamental no processo de criação e aplicação dos seus próprios conteúdos.

No próximo capítulo apresento um relato da minha vivência nas atividades realizadas pelos(as) alunos(as) com o uso do Wiki como ferramenta de apoio em sala de aula.

## **2. RELATO DA EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA: O WIKI COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Neste capítulo analiso a experiência da utilização do Wiki como rede social no processo de ensino-aprendizagem com os alunos e alunas de 2º ano do II ciclo da Escola Municipal Chapéu do Sol, em Porto Alegre. O uso de novas tecnologias, atualmente denominadas TICs, como instrumento de ensino e de aprendizagem é uma prática que se expande rapidamente e cada vez mais no sistema educacional e nas escolas públicas. Contudo, faz-se necessário salientar que ainda há escolas cujo acesso a essas TICs é precário em termos de infraestrutura, bem como de qualificação dos(as) docentes e discentes no uso das mesmas.

O objetivo do estágio curricular foi poder vivenciar em uma turma das séries iniciais aquilo que foi oferecido ao longo do curso de Pedagogia à Distância. Experimentar, repensar, refletir foram algumas das ações que estiveram sempre presentes. Experimentar uma Arquitetura Pedagógica, repensar a velha prática, refletir sobre o que acontece, permitir-se mudar. Como bem disse o mestre da educação, Paulo Freire (1996), devemos nos convencer de que “(...)ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Foi com essa perspectiva que iniciei o estágio em turma de 4ª série (B20).

Meu planejamento no projeto consistiu em proporcionar atividades e situações que “desequilibrassem” o saber do/da aluno(a), fazendo assim com que ele/ela construísse novos conhecimentos. Tentei levá-los à compreensão da realidade, de forma ampla, possibilitando que, nela, interfirmam de maneira mais consciente.

Piaget (1967), em suas reflexões, concebe a conduta humana como uma adaptação, ou mesmo como uma contínua readaptação. A conduta, segundo ele, é explicada como trocas funcionais entre o indivíduo e o meio exterior, comportando dois aspectos intimamente interdependentes: o cognitivo e o afetivo.

Dessa maneira pretendi fazê-los adquirir novos conhecimentos e refletir sobre essa realidade, fazendo com que possa haver uma análise de certas situações e entendimento da organização/produção do espaço, que se encontra em constante transformação.

Não sendo possível ignorar aquilo que é convencionado pelo coletivo da escola como conteúdos, habilidades, competências pertinentes ao ano-ciclo, optei pelo caminho da tecnologia como ferramenta de apoio, para sair do lugar-comum.

Foram nove semanas de intenso trabalho onde pude desenvolver, principalmente, os objetivos da área de sócio-histórica que estão relacionados à localização e organização do espaço: ruas, escola, cidade, estado.

Acredito na extrema importância de abordar a questão da paisagem local e do espaço vivido pelo aluno. Dessa maneira, pode ocorrer uma ampliação da percepção espacial da criança, buscando essa abordagem através de experiências concretas e de sua livre expressão.

(...) a representação menos ainda que a percepção, não pode 'abstrair' a intuição de uma relação de igualdade sem que haja uma ação de tornar duas coisas iguais, -a intuição de uma reta, a não ser a partir da ação de se deslocar em linha reta ou de olhar sem mudar de direção, - a intuição de um ângulo, a não ser pela realização de dois movimentos que se encontram num ponto (Piaget, 1948)

Conseguimos desenvolver várias atividades de percepção espacial, utilizando recursos simples e explorando o espaço da escola.

Junto a isso iniciamos um momento semanal de Hora do Conto, sugerido por um aluno do grupo. Todos logo se motivaram, escolhendo a obra para leitura e, dessa forma, começamos nossas produções de texto a partir das histórias ouvidas. Na quinta semana de estágio um aluno perguntou onde iríamos guardar todos aqueles trabalhos, e então levei a idéia de um Wiki para a turma. Eles logo se colocaram à vontade com o recurso, editando as páginas, baixando fotos e fazendo alterações em seus Wikis pessoais. Passaram a digitar seus textos e a partir daí, então, combinamos que eu iria colorir as palavras escritas com erro nas suas páginas, e na aula seguinte eles deveriam procurar os erros e arrumar as palavras.

Os momentos vividos no Laboratório de Informática foram os mais produtivos das nove semanas que se passaram. Produtivos porque os alunos se mostravam absolutamente concentrados no que faziam. Era uma das poucas atividades que chamava a atenção deles. O recurso fez com que os(as) alunos(as) aprendessem cooperativamente. A partir dessa constatação, percebi que o caminho para a aprendizagem poderia seguir de forma mais interessante para eles se o instrumento utilizado fosse algo novo, que despertasse e motivasse a criação, a exposição e a interação. Essas três palavras representam o que ocorreu durante o processo de escrita de textos, e criação de desenhos, até o momento em que foram publicados e comentados por eles/elas.

## **2.1 - Contextualizando o uso do WIKI durante o projeto de estágio na escola**

É importante contextualizar a situação que antecedeu o primeiro contato dos alunos com o Wiki, visto que, o caminho que nos levou até o espaço só foi possível através de um processo contínuo de atividades diversas que culminou na criação de uma página no Wiki para cada um deles(as). Relato aqui, portanto, uma breve reflexão sobre o Estágio e as ocorrências diárias, que no presente trabalho estão divididas em semanas, e que me incentivaram a pensar no espaço virtual como forma de estimular e tornar mais interessante o processo de aprendizagem.

O Projeto de Estágio foi executado em uma turma do 2º Ano do 2º Ciclo (B20), turma B22, do turno da manhã, da E.M.E.F. Chapéu do Sol, POA, no período de 12 de abril a 11 de junho de 2010.

A turma era composta por 10 meninos e 8 meninas que, segundo relato da professora referência, produziam pouco e mostravam dificuldade em compreender o que era solicitado. É importante lembrar também o contexto socioeconômico da turma e a relação deles com a rede mundial de computadores. Segundo dados do questionário aplicado após o período de estágio, a grande maioria dos/das alunos(as) não acessa a internet fora da escola e, os poucos que acessam, usam-na para games e orkut, apenas. Nessa turma os(as) alunos(as) são todos de baixíssima renda e com estrutura familiar precária. O Planejamento de Estágio (PE) levou em conta esses detalhes visando um desenvolvimento menos frustrante possível no processo de ensino e aprendizagem e da relação professor/aluno, visto que a turma era para mim, e eu para eles, uma imprevisível novidade.

A princípio, priorizei no PE os objetivos da área de sócio-histórica, tendo em vista atividades que trabalhassem a localização e a organização do espaço. Acho importante enfatizar que considero fundamental ampliar a percepção espacial do(a) aluno(a), abordando a paisagem local e o espaço vivido por ele, sempre através de experiências concretas e de sua livre expressão. Fui informada de que alguns conteúdos na qual eu planejei para execução desses objetivos já haviam sido trabalhados antes, mas achei essencial retomá-los com a turma. A atividade procurou trabalhar o espaço físico mesmo antes de surgir a ideia espontânea de pensar o ambiente virtual

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro antes que foi novo e se fez velho e se "dispõe" a ser ultrapassado por outro amanhã (FREIRE, 1996, p. 31).

A criança adquire suas primeiras noções de espaço (próximo, dentro, fora, em cima, embaixo) através dos sentidos do tato, da visão, e de seus próprios deslocamentos, como por exemplo, os atos de rodear, rastejar, engatinhar e andar. Nesse momento, o espaço é essencialmente o espaço da ação, ou espaço perceptivo. É um espaço prático, organizado, estruturado e equilibrado, a partir da ação e do comportamento da criança.

Por volta dos dois anos de idade, aproximadamente, manifesta-se na criança a função simbólica: ela substitui uma ação ou objeto por um símbolo, que pode ser uma imagem ou uma palavra. Com o aparecimento da função simbólica, começa a se constituir na criança o espaço representativo. É a época em que ela já consegue interiorizar as ações executadas e tem condições de representar o espaço: sabe falar sobre os espaços, desenhá-los e descrevê-los.

Existem outras etapas de construção do espaço. O importante é perceber em que etapa de desenvolvimento a criança se encontra. É de acordo com as teorias de Piaget que se pode afirmar que a construção da noção de espaço se faz por etapas. Saber “ler” o mundo social e desvendar a sua lógica, conhecer as regras e as leis que regem a organização e estruturação do espaço, desde o espaço cotidiano da criança, até o espaço-nação. Isso tudo significa educar-se e educar a criança para saber pensar o espaço e se organizar.

O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1979, p. 27).

Desenvolvendo a capacidade de observar, de estabelecer referências, de localizar-se, a criança se habilita a identificar a dimensão espacial dos fenômenos. Garantir à criança o acesso a materiais visuais variados, como desenhos, fotos, plantas, mapas e imagens de satélite, com o intuito de familiarizá-la com a visão cartográfica. Mostrar ao aluno(a) que o mapa ou a planta transmite informações e que ele é capaz de ler essas informações.

Se pretendermos um ensino onde o espaço é produzido e organizado pelo homem, e se estudarmos essa produção supondo perceber as relações que os homens desenvolvem entre si e com o meio, a forma como se desenvolve o processo de “estudar” também será decisivo para a verdadeira apropriação dos significados e da sua contextualização.

O planejamento das aulas de Estudos Sociais deve levar em consideração os conhecimentos já adquiridos pelos(as) alunos(as), porque é a partir desses que se autorizam novos significados e novos conhecimentos. (BERGAMASCHI, 2000)

O conhecimento da história é importante porque nos fornece a base para o nosso futuro e permite-nos o conhecimento de como aqueles que viveram antes de nós solucionaram as grandes questões humanas (SANTOS, 1998).

Assim como o tempo, a construção do conceito de espaço é também imensamente importante para que a criança consiga localizar-se, orientar-se e expressar-se graficamente (CASTROGIOVANNI e FISCHER, 1989).

Algumas atividades interessantes podem contribuir nesse sentido, tais como: a representação de trajetos feitos pelo(a) aluno(a), a localização de vizinhos em mapas, a localização de municípios utilizando os pontos cardeais. Analisar a organização do espaço produzido pelo homem em sociedade é identificar as relações sociais que estruturam esse espaço. Pensar o espaço do simples ao complexo, compreendendo que, por exemplo, a rua está dentro do bairro, o bairro está dentro da cidade e a cidade dentro do estado e assim sucessivamente, são conceitos que vão sendo construídos gradativamente pela criança.

Para Jean Piaget (1993) a construção do espaço ocorre desde o nascimento do indivíduo e é paralela às demais construções mentais, constituindo-se com a própria inteligência. Essa construção se processa progressivamente, nos planos perceptivo e representativo.

Para que assim ocorra, é uma responsabilidade da escola, nas séries iniciais, ampliar e aprofundar as ideias que a criança tem a respeito da localização, do espaço e do tempo. Ela precisa ter uma noção de distância, causalidade, lateralidade, limite, vizinhança, e suas inter-relações. O conhecimento do conceito de espaço na escola tem de oportunizar ao aluno a possibilidade de lidar com as relações espaciais, deixando-o capaz de localizar-se e com habilidade para examinar os espaços sociais, sabendo que são construções humanas em um tempo determinado da sociedade.

Piaget, a partir da observação cuidadosa dos seus próprios filhos e de muitas outras crianças, concluiu que, em muitas questões cruciais, as crianças não pensam como os adultos. Por ainda lhes faltarem certas habilidades, a maneira de pensar é diferente, não somente em grau, mas também em classe. A teoria de Piaget do desenvolvimento cognitivo é uma teoria de etapas, uma teoria que pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis. Baseando-me nessas reflexões pude desenvolver meu planejamento de forma que provocasse desequilíbrios e reequilibrações sucessivas, promovendo a descoberta e a construção do conhecimento. A escolha desse mestre da educação para o meu planejamento pedagógico de estágio se deu de forma muito

espontânea. Na verdade, fui enxergando Piaget em cada uma das ações que pensava executar na semana seguinte.

Foram trabalhadas todas as áreas do conhecimento de acordo com o planejamento do ano-ciclo e considero que o meu projeto teve êxito ao despertar o senso crítico e a criatividade de alguns alunos.

Em todas as nove semanas de estágio, tive alguns acontecimentos sejam eles de pouca ou muita intensidade de mudança, dentro do que estava planejado, mas não menos importante no sentido de aproveitar a oportunidade para estimular a aprendizagem dos alunos. É necessário enfatizar que, por não conhecer a turma, suas habilidades e dificuldades, o estágio foi um começo do nada em direção a um caminho escuro, na qual fui iluminando gradativamente. Considero todos os passos dados importantes no processo, mas meu trabalho foi engrenar mesmo da terceira semana em diante.

No início do estágio do curso foi bem difícil. Na verdade posso dizer que foi quase interminável. Minha turma era composta por alunos com dificuldades diversas, por isso eles eram em número reduzido em comparação à quantidade normal de crianças em outras turmas.

Tive certo desânimo em realizar as aulas do estágio. E confesso que foi muito por estar contrariada com o fato de não poder realizar o estágio com a turma que já estava trabalhando desde o início do ano. Essa mudança não só me fez pôr um trabalho que estava em andamento nas mãos de outra pessoa, como me levou a estar com uma turma desconhecida e com complicações cognitivas que desafiavam o meu planejamento de estágio.

Além dessa circunstância, como em todas as histórias, houve um certo embaraço de ambos os lados: o dos alunos que não queriam trocar de professora e o meu que não queria sair da turma. No entanto, precisei me acostumar com a idéia e fazer a “coisa acontecer”.

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedades docentes e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigidez. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FREIRE, 1997, p. 160).

## 2.2 – Desenvolvendo aprendizagens

Trabalhamos na primeira semana com histórias matemáticas, nomeação dos principais ossos do corpo, pontos cardeais e sua localização, elaboração de avisos em placas com ilustrações, elaboração de uma planta baixa da sala de aula e, posteriormente, um desenho da escola. Apesar de todas as dificuldades com que me deparei, entre adequações minhas e deles, e estabelecimento de algumas regras básicas de convivência durante todo o período, consegui fazer com que eles se envolvessem nas atividades.

No fim da semana mostrei os trabalhos de todos que entregaram a planta baixa da sala de aula. Fizemos alguns comentários como, por exemplo, sobre o aproveitamento de cada um no tamanho do papel. Fiz um pequeno painel e colei na sala de aula.

Nessa última atividade, combinamos que iríamos desenhar a escola e, para isso, descemos para o pátio de prancheta, folhas e estojo na mão. Os/as alunos(as) se espalharam pelo pátio, para fazer o desenho, distribuindo-se em duplas. Eles mostraram alguma dificuldade em incluir todos os prédios no desenho, mas a maioria conseguiu terminar. Os/as alunos(as) levaram para casa para colorir e escrever os nomes dos prédios e os espaços que desenharam.

Na segunda semana trabalhamos novamente atividades de matemática, com numerais até unidade de milhar, exercícios de decomposição de números, escrita de numerais e de seqüência numérica. Houve atividade de ciências, sobre o sistema esquelético e fizemos também atividades de escrita onde eles contavam onde e como é o seu bairro. Fiz essa última na intenção de retomarmos os desenhos da planta baixa da escola e com um catálogo telefônico, onde encontramos o mapa de POA, mostrei as plantas por bairro. Havia, previamente, feito cópia do mapa geral da cidade e das plantas 46 e 47 dos bairros Ponta Grossa, Belém Novo e Chapéu do Sol. Fomos vendo as ruas no mapa e tentando localizar alguns endereços. Construimos uma legenda, colocando o nome do colega e pintando as ruas de cores diferentes. No fim da semana, tínhamos concluído os desenhos dos caminhos de casa até a escola. Coloquei-o num grande painel no fundo da sala com todos os trabalhos. Conversamos sobre as dificuldades de fazer os desenhos. Alguns apontaram quais tinham gostado mais, o mais colorido, qual a melhor distribuição espacial no papel, etc.

Na terceira semana além da matemática, dessa vez trabalhada de forma coletiva, contação de história e a proposta de leitura no livro de geografia, onde encontramos as plantas que havíamos trabalhado na semana anterior. Em um dos dias vimos também no telão a projeção da imagem da terra através do Google Earth e exploramos as possibilidades

de fazermos outro mapa, agora a vista aérea da escola. Fomos entrando no planeta, até encontrar a cidade, o bairro, e finalmente a escola. Eles ficaram fascinados(as), pois se envolveram com empolgação. Fizemos então o desenho do mapa aéreo da escola, na qual pusemos também em um painel para apreciação e reflexão sobre a atividade.

Na quarta semana trabalhamos atividades de seqüência numérica, dezenas, adições e histórias matemáticas. Percebi que quando havia uma previsão de todo o processo da atividade, findando com a correção no caderno, o grupo demonstrava mais desejo em realizar as tarefas. Com certeza este era o formato de aula que mais agradava, embora alguns tivessem imensas dificuldades em compreender os enunciados das questões. Dentre contação de histórias e recorte e colagem do esqueleto humano, houve também momentos em que fizemos uma interdisciplinaridade entre geografia e história. Num primeiro momento desenhamos um mapa do livro de Geografia em papel vegetal e no decorrer da semana, levei um livro de história que contava sobre a chegada dos europeus no Brasil. Voltamos à geografia, localizando os países e oceanos com a ajuda do mapa mundi que levei para a sala e terminamos por cantar uma música do grupo Palavra Cantada que tinha no livro de história. Levei o aparelho de som e a cópia da letra inteira da música chamada “Pindorama”. A canção discorre sobre a chegada dos portugueses no Brasil. Como tinha a ver com o que vimos, cantamos todos juntos. Eles se envolveram de forma empolgante. Música é sempre um recurso interessante, principalmente para relaxar depois de tanta informação.

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. Na verdade, meu papel de professor, ao ensinar ao conteúdo a ou b, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la na íntegra, de mim (FREIRE, 1997, p. 133 e 134).

Na quinta semana retomamos a letra da música Pindorama, pois percebi que alguns não tinham entendido o sentido de muitas palavras. Com a letra e um dicionário na mão, ouvimos novamente e eles tiraram dúvidas, entendendo trecho por trecho cada significado. Houve também atividade no mapa, dessa vez sobre a geografia do Rio Grande do Sul. Era necessário colorir alguns pontos e escrever os nomes do que era solicitado. Os/as alunos(as) levantavam todo tempo para olhar no mapa grande aberto no quadro verde o que era

solicitado na folha, como o nome das lagoas, o nome do centro geográfico do estado e os limites da rosa dos ventos na região, por exemplo.

Todas essas atividades foram realizadas com extrema dificuldade, dadas as diversas limitações da turma. Por isso, sempre que planejava as aulas para a semana seguinte, me perguntava o que poderia fazer para tornar as atividades mais interessantes para eles e termos um retorno positivo com relação à aprendizagem. Diferente do que eu pensei, achando que poderia encontrar um caminho que viesse de mim para eles, a ideia de usar o Wiki como ferramenta de aprendizagem surgiu de um espontâneo questionamento e desejo deles. A partir daí, uni a proposição dos alunos com o conhecimento da existência de uma inédita e, até aquele momento, talvez, eficaz instrumento de ensino e aprendizagem.

### **2.3 - A utilização do WIKI como instrumento de ensino e aprendizagem**

É importante reafirmar que minha maior vitória em todo o período de estágio se deu na área tecnológica. Por isso o tema suscitou a presente pesquisa. Além da noção de espaço através dos mapas e do Google Earth, inseri meus alunos(as) em um ambiente virtual que pudesse ser deles. A ideia surgiu enquanto realizávamos uma tarefa de contação de história que consistia em ler e relatar sua interpretação. No fim da tarefa um aluno perguntou alto:

- Onde vamos guardar todos esses trabalhos? Na pasta de geografia?

Através dessa simples pergunta, me dei conta de que poderia trabalhar com eles/elas, mostrando-os um espaço novo dentro daquele que alguns até já conhecem: sugeri que abrissemos uma página no Wiki para cada um da turma. Fugi do planejamento semanal que havia feito para arriscar essa súbita ideia que me ocorreu quando o aluno expôs a sua dúvida. Expliquei um pouco sobre como iria ser e como faríamos. Eles/elas ficaram bem empolgados, mesmo que, a princípio, não tenham entendido direito a minha proposta. De qualquer forma, senti que seria interessante para eles conhecerem um espaço onde poderiam deixar o registro dos seus trabalhos e interagirem com colegas e professores através de comentários. Expliquei alguns procedimentos que iríamos realizar e, já no dia seguinte, pusemos em prática nossos planos.

Cabe aqui relatar que Piaget foi mais uma vez visitado, na medida em que os pressupostos básicos de sua teoria defendem o interacionismo, a idéia de construtivismo sequencial e os fatores que interferem no desenvolvimento. Na visão de Piaget (1993), a criança é concebida como um ser dinâmico, que a todo o momento interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. Ele não apontou respostas sobre o quê e como

ensinar, mas permitiu compreender de que forma a criança aprende, fornecendo um referencial para a identificação das possibilidades e limitações. Piaget reforça que o professor deve ter uma atitude de respeito às condições intelectuais do aluno e um modo de interpretar suas condutas verbais e não verbais para poder trabalhar melhor com elas.

Ao longo dos anos, venho confirmando algumas das afirmações de Piaget, entre elas, a necessidade de vínculo com aluno, o trabalho em grupo e a construção contínua do conhecimento.

No fechamento da quinta semana de estágio, a turma tinha Informática no primeiro período e, ainda na sala de aula, expliquei o que iríamos fazer lá. Nesse primeiro contato deles com o wiki, fiz questão de publicar os trabalhos antes, na tentativa de estimulá-los a editar suas páginas nos próximos acessos, vendo as tarefas que fizeram expostas lá. Contei que havia “guardado” os trabalhos deles em um determinado espaço. Expliquei que iriam acessar a página com o próprio nome e uma senha. Na sala, os alunos(as) acessaram suas páginas (**anexo 2**), onde estava postado o último trabalho de contação de história.

Cada um pôde acessar a sua página no Wiki, publicar os textos escritos em sala de aula e comentar as publicações dos colegas. Dei acesso a algumas professoras da escola para que também pudessem interagir e aumentar a rede de contato deles.

Na sexta semana eles/elas já estavam postando, sob minha orientação, imagens, além dos textos. E na semana seguinte puseram-se a realizar toda a publicação sozinhos. Só coloria os erros de português para que fossem corrigidos na próxima oportunidade de estar na sala de informática, que seria na semana seguinte.

O retorno dado pelos alunos(as) foi de extrema satisfação tanto para mim, como para eles. Acredito que aprenderam com facilidade o funcionamento da ferramenta virtual. Alguns, no início, não diferenciavam o espaço do wiki de um ambiente de mídia social, na qual eles podiam combinar encontros e conversar sobre outros assuntos. Mas nada que uma boa explanação sobre o que é aquele espaço, não resolvesse.

Na sétima, oitava e nona semana, dividimos as atividades entre operações matemáticas, contação de histórias, e postagens dos trabalhos no Wiki (**anexo 3**). Foram os momentos onde pude trabalhar com mais propriedade, sabendo quais habilidades poderia reforçar e quais dificuldades teria de priorizar no planejamento e proposição dos trabalhos.

A epistemologia genética de Jean Piaget fornece suporte teórico para estabelecer a relação entre as dificuldades de aprendizagem observadas e os fatores que podem ser responsáveis pela sua ocorrência.

(...) as relações entre o sujeito e o seu meio mantém-se numa interação radical, de modo que a consciência não se inicia nem pelo conhecimento dos objetos nem pelo conhecimento da atividade própria, mas por um estado indiferenciado, e que deste estado procedem dois movimentos complementares, um de incorporação das coisas ao sujeito e o outro de acomodação às próprias coisas (...) (PIAGET, 1975, p. 386).

Embora todo o processo tenha sido de extrema importância, foi nos detalhes que me peguei pensando, principalmente, quando a aula tomava um rumo diferente do planejamento. Nesse sentido é que considero que meus objetivos foram alcançados, pois dentro das propostas, que algumas vezes, como disse, fugiam dos prévios planejamentos, pude utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos. Dessa forma contemplei meus objetivos pessoais relativos ao estágio, mesmo que o tempo tenha sido curto para uma relação com a turma. De qualquer maneira, sinto que a minha satisfação se equivale à deles e que meu trabalho, caso tenha continuidade pela professora referência, pode render bons frutos.

Para concluir o PEAD, após a realização do estágio, problematizei o tema e elaborei o presente projeto de pesquisa na tentativa exitosa de, embasada na vivência relatada, esclarecer dúvidas a respeito do uso do Wiki como ferramenta no ensino e na aprendizagem. Para tanto, foi realizada a aplicação de um questionário, respondido pelos alunos, como forma de respaldar a análise feita em cima da questão norteadora delimitada neste projeto.

O feedback dado por eles no questionário aplicado respondeu também aos dados estatísticos, imprescindíveis à elaboração de algumas considerações que servem de base para responder à pergunta mais importante: No que você acha que o trabalho no Wiki contribuiu para a sua aprendizagem? Com a dificuldade deles na estruturação escrita das respostas, procurei captar suas ideias, pois muitos, embora alfabetizados, não conseguem manter coerência nas expressões escritas.

Após aplicação do questionário com nove perguntas sobre a aprendizagem deles através desse contato com o Wiki, confirmei muitas das minhas concepções sobre os resultados desse trabalho. As questões foram respondidas por apenas 11, dos 18 alunos que desenvolveram comigo as atividades do estágio. Dos outros sete, dois não estão mais na escola e cinco não estavam presentes na aplicação das perguntas. Um fato interessante, e que acredito, ao mesmo tempo em que dificulta na prática, facilita na aprendizagem - por ser novidade - é que a maior parte dos alunos não possui computador e nem acessa a internet fora da escola. Nessa idade, diferente dos alunos da rede particular de ensino, os estudantes da rede municipal, pelo menos no que se refere aos do Chapéu do Sol nas séries iniciais, não

se envolvem com nenhuma mídia social. Da turma que respondeu ao questionário sobre os resultados do projeto de estágio (11 alunos), somente seis acessam a internet sem o auxílio escolar. Desses, só duas pessoas têm Orkut e, quatro, quando acessam a rede, o fazem para jogar. Nenhum dos alunos que responderam as questões haviam postado ou comentado antes qualquer publicação na internet. Ninguém possui blog, Twitter, Facebook, ou mídias do gênero, nem sequer ouviram falar, com exceção das duas alunas que possuem Orkut. O trabalho com o Wiki, portanto, foi inédito na vida deles. Num contexto mais aprofundado do projeto de estágio, é possível perceber esse ineditismo na própria prática, sem precisar abordar os dados estatísticos respaldados pelas respostas deles ao questionário aplicado. Abaixo os extratos originais das respostas à pergunta principal do questionário:

9. No que você acha que o trabalho no Wiki contribuiu para sua aprendizagem?  
Eu aprendi a ler as páginas.

9. No que você acha que o trabalho no Wiki contribuiu para sua aprendizagem?  
Eu aprendi mexer no computador.

9. No que você acha que o trabalho no Wiki contribuiu para sua aprendizagem?  
Eu pude ver meus desenhos e escrever recados sem erro.

9. No que você acha que o trabalho no Wiki contribuiu para sua aprendizagem?  
me ajudou a ler melhor e fazer amigos e ajudou eu gostar da professora que antes eu não gostava.

Conforme os documentos anexos acima, as expectativas dos alunos foram contempladas exatamente nos fatores pelo qual fundamentei as atividades. Respostas como “Aprendi a ver meus desenhos”, “Aprendi a mexer no computador”, “Pude ver meus desenhos e escrever recados(...)”, ou “me ajudou a ler melhor, fazer amigos e gostar da professora, que antes eu não gostava”, me auxiliaram na constatação de que o Wiki, como rede social, favoreceu imensamente a aprendizagem deles, na medida em que reuniu aspectos de interesse dos alunos na execução e verificação do resultado final dos seus

trabalhos. No próximo capítulo apresento as considerações finais a respeito dos processos desenvolvidos para obtenção dos resultados da pesquisa.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se olha para trás é possível perceber quantos conhecimentos foram somados, agregados aos já existentes. Como parte obrigatória do curso, precisei realizar 180 horas de efetivo exercício docente. Foram nove semanas de planejamentos de atividades e execução das mesmas em sala de aula. Para mim, foi a hora de colocar em prática um pouco de tudo que vi e vivi no PEAD. Pude tecer uma rede, costurando as aprendizagens e vivências nas mais diversas áreas do conhecimento. Uma oportunidade de mostrar que é possível encontrar outros caminhos para uma mesma busca.

O “abandono” da minha turma durante esse período para realização do estágio me fez deparar com a dura realidade do “começo”, tão difícil com nossos alunos de periferia: construção de regras de convivência e de respeito. Além disso, ficou evidente a falta de adequação entre realidade e academia, no sentido de oportunizar ao estudante de graduação uma turma de estágio compatível com a sua real habilitação. Minha maior dificuldade foi compreender essa questão legal e burocrática. Recomecei, repensei e replanejei, porque acredito que precisamos enfrentar o medo do novo.

Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens. Não posso, por isso mesmo, burocratizar meu compromisso de profissional, servindo, numa inversão dolosa de valores, mais aos meios que ao fim do homem (FREIRE, 1979, p. 20).

Não posso negar que foi difícil, mas tenho que confessar também que me sinto satisfeita por ter conseguido planejar, executar e refletir, mesmo que muitas vezes pensasse que não ia dar certo. Fui relutante no início, porque tive que deixar a minha turma e começar do zero, conhecendo as habilidades e trabalhando as dificuldades de alunos diferentes dos que estava habituada. Diferentes em todos os sentidos que esse adjetivo possa dar a entender. E tenho certeza de que para eles também foi difícil.

Mas as crianças têm uma qualidade que nós costumamos perder gradativamente, na medida em que vamos ficando adultos: a capacidade de se adaptar a qualquer situação, sem muita resistência. O novo não amedronta as crianças, porque nelas ainda não se construiu a tão falada “zona de conforto”, que nós adultos, mesmo sabendo que tudo dará certo, até quando as nossas prévias organizações vão por água abaixo, carregamos os engessados paradigmas. Os pequenos sábios sabem a hora do improviso. Os grandes, aqueles que se dizem sábios, muitas vezes perdem essa hora. Piaget já dizia: “O principal objetivo da

educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram”.

Não há nada melhor do que olhar para trás e ver que conseguimos realizar aquilo que, quando olhávamos para frente, não visualizávamos. Esse caminho não é finito, mas cada passo dado é um objetivo alcançado.

Vivemos um momento muito especial da história da humanidade. Várias transformações estão ocorrendo, em todo o planeta, com grande velocidade e difícil dimensionamento. Temos à mão um recurso do mundo contemporâneo que tem sido constantemente aplicado em todas as áreas possíveis do conhecimento: a rede mundial de informação, amplamente conhecida como internet.

O que ocorre não é novo, visto que já leva mais de duas décadas de existência, mas ganhou imensa força na virada do milênio, e está cada vez mais acessível às comunidades menos privilegiadas. A partir da segunda metade do século passado, o conceito de rede se ampliou de forma considerável e passou a ter uma dimensão planetária.

Escolas públicas já possuem acesso à Internet e valorizam o contato dos alunos com o ambiente virtual. É então de extrema importância aprofundar essa relação entre os estudantes e as novas tecnologias, articulando seu aprendizado com o desenvolvimento crescente de todas as outras inovações tecnológicas que dizem respeito à comunicação e à informação, e que complementam a eficácia dessa ferramenta em sala de aula.

Por meio da vivência que experimentei no estágio, pondo os alunos em contato com o que, para mim também era novo, fica evidente a eficácia do uso de ferramentas tecnológicas na aprendizagem do estudante, em específico, no momento, a utilização do Wiki. A resposta deles não só na prática, como no retorno dado através do questionário aplicado, também esclareceu significativamente a problemática do tema. De que forma, então, a utilização do wiki como rede social, favorece a aprendizagem dos(as) alunos(as) de 2º ano do II Ciclo do Ensino Fundamental?

No conteúdo pelo qual debrucei minha análise, levei em conta dados empíricos com base nos experimentos práticos. O interesse deles(as) no desenvolvimento das atividades, depois de saberem que seus trabalhos iam ser expostos e comentados, dava ênfase às três práticas que atribuo aos bons resultados: criação, exposição e interação. Essa tríade fundamentou o processo de desenvolvimento da aprendizagem no Wiki. Criar com a perspectiva de expor a sua criação à apreciação de todos, vai além dos limites da escola, onde apenas os colegas e professores poderiam ver. A possibilidade de comentar e ser comentado, deixando também a exposição ilimitada desse registro proporciona a interação.

Sem falar na inserção dos alunos, não apenas no âmbito da aprendizagem, mas no ambiente virtual da rede mundial de computadores.

O conceito de rede pode ser o elo que nos faltava para compreender o papel da escola na atualidade. Nós professores temos, agora, como objetivo formar cidadãos que possam sobreviver com autonomia e independência neste universo de conexões. O pequeno mundo dos nossos alunos pode e deve ser maior, por meio do saber que os espera na tela do computador. Dessa maneira poderão estabelecer interações intensas com “novos” valores e culturas, sentindo-se como parte conjunta do planeta.

Para tanto, as Tecnologias de Informação e Comunicação dão uma contribuição imensurável no processo de ensino aprendizagem do aluno fazendo com que haja a inclusão deles no mundo digital e a inserção dos mesmos na sala de aula virtual. Dessa forma, a relação entre a internet e a educação introduz no ambiente escolar novas e variadas realidades.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Aracy do Rego; MENANDRO, Heloisa Fesch; PAGANELLI, Tomoko Iyda. Estudos Sociais: Teoria e Prática. Rio de Janeiro, ACCESS, 1999.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Do acaso à intenção em Estudos Sociais. In. XAVIER, Maria Luiza; DALLA ZEN, Maria Isabel. Planejamento em destaque: análises menos convencional. Porto Alegre: Mediação, 2000, p.111-124.

CASTROGIOVANNI, Antônio e FISCHER, Beatriz T. D. E se não houvesse "Estudos Sociais" nas séries iniciais?. Educação e Realidade. Porto Alegre, 14 (1):81-88, jan/jun, 1989.

FRANCO, S.; COSTA, L.; FAVERO, R.; GELATTI, L. e LOCATELLI, E. Aprendizagem na Educação a Distância: Caminhos do Brasil. Novas Tecnologias na Educação, CINTED - UFRGS, v.4, nº 2. Dez. 2006.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança, 1979.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Tradução Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação, vol.1.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa Editora Paz e Terra. 1996

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000a.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PIAGET, J. & INHELDER, B. A representação do espaço na criança. Porto Alegre. Artes Médicas, 1993.

PIAGET, Jean. A Psicologia da Inteligência. Trad. Egléa de Alencar. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958.

PIAGET, Jean. La construction du réel chez l'enfant. Neuchâtel – Paris, Delachaux et Niestlé, 1937. Versão em Português: Piaget, J. A construção do real na criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

PIAGET, Jean. La representation de l'espace chez l'enfant. Paris, P.U.F., 1948.

PIAGET, Jean. O Juízo Moral da Criança. 3.ed. Paris: Puf, 1969.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. Trad. Álvaro Cabral. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SANTOS, S. V. O ensino da História nas séries iniciais - um olhar desde a perspectiva curricular integradora, *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1-2, p. 91-103, jan. 1998.

## ANEXOS

### Anexo 1

#### QUESTIONÁRIO

1. Você costuma usar a internet fora da escola?

---

---

2. Em que locais você acessa?

---

---

3. Você já tinha feito alguma publicação na internet antes?

---

---

4. O que você achou da experiência de publicar os trabalhos no wiki?

---

---

5. O que foi mais interessante fazer: publicar fotos ou comentar na página dos colegas?

---

---

6. Que tipo de coisas você costuma fazer na Internet quando não está na escola?

---

---

7. Já publicou algum texto em outro tipo de página na internet que não seja o Wiki?

---

---

8. Marque um X se possui ou já possuiu alguma dessas outras mídias sociais:

- Blog
- Orkut
- Facebook
- Twitter

Se possui algum desses, o que você costuma escrever?

---

---

9. No que você acha que o trabalho no Wiki contribuiu para sua aprendizagem?

---

---

---

## Anexo 2



## Anexo 3

